

Cultura, história e discurso: a construção discursiva do Nordeste turístico

Cristiana Soares de Oliveira^I
Cristiano Cezar Gomes da Silva^{II}

Resumo: Este artigo busca interpretar de modo qualitativo três discursos turísticos do/sobre o Nordeste, que circulam nas redes sociais e mostram/constroem/propagam imagens sobre essa região. Buscamos compreender como o Nordeste é construído nesses discursos, objetivando entender se os mesmos fazem parte da mesma formação discursiva (FD) que retrata/constrói o Nordeste enquanto espaço da seca, da improdutividade, (re)afirmando/atualizando essas estereotípias, ou rompem com o discurso da seca, fazendo parte de outra FD. Como suporte teórico seguimos os postulados da análise do discurso de linha Francesa, AD, entendida enquanto uma área de pesquisa de caráter interdisciplinar, que surgiu na França, nos anos 1960, fundada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, que tem como objeto o discurso enquanto materialidade discursiva, que é construído a partir de memórias discursivas em contextos específicos e está embebido de ideologias. Trata-se de discursos materializados na linguagem não verbal (imagens). Pensando a língua enquanto heterogênea e opaca, nos propomos a refletir sobre quais as concepções de Nordeste estão presentes nessa materialidade discursiva. Nosso intuito é construir um olhar crítico/reflexivo a respeito do discurso que restringe a região Nordeste à seca. Diante do que analisamos inferimos que “outros Nordeste” são mostrados/construídos por meio da materialidade discursiva em questão, pois há marcas/traços que evidenciam o Nordeste enquanto lugar belo, produtivo e atraente.

Palavras-chave: Nordeste; Discurso turístico; Formação Discursiva; “Outros Nordestes”.

Abstract: This research seeks to qualitatively interpret three tourist discourses from / about the Northeast, which circulate on social networks and show / build / propagate images about this region. We seek to understand how the Northeast is constructed in these speeches, aiming to understand if they are part of the same discursive formation (FD) that portrays / constructs the Northeast as a space of drought, unproductivity, (re) affirming / updating these stereotypes, or breaking with the drought speech, being part of another FD. As theoretical support we follow the postulates of discourse analysis of the French line, AD, understood as an interdisciplinary research area, which emerged in France in the 1960s, founded by the French philosopher Michel Pêcheux, whose object is discourse as materiality discursive, which is built from discursive memories in specific contexts and is steeped in ideologies. These are speeches materialized in non-verbal language (images). Thinking the language as heterogeneous and opaque, we propose to reflect on what the Northeastern conceptions are present in this discursive materiality. Our aim is to build a critical / reflective look at the discourse that restricts the Northeast region to drought. In view of what we have analyzed, we infer that “other Northeasterns” are shown /constructed through the discursive materiality in question, as there are marks / traits that show the Northeast as a beautiful, productive and attractive place.

Keywords: Northeast; Tourist speech; Discursive Formation.

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

Artigo recebido em 19/05/2021 e aprovado em 18/11/2021.

Introdução

A região Nordeste do Brasil vem sendo construída/marcada discursivamente ao longo da história. Na maioria das vezes enquanto o lugar da seca, do atraso, da pobreza. De acordo com o historiador Albuquerque Júnior^{III}, as estereotípias instituídas acerca da região Nordeste, que lhe atribui o lugar do atraso, da improdutividade devido à seca, é fruto de discursos das elites locais e teve início no século XIX, no momento em que enfrentavam uma crise nos setores, econômico, político, social. A seca ocorrida entre 1877 e 1879 agravou todos os problemas da região decorrentes dessa crise. A partir de sua repetibilidade, tais discursos deram visibilidade à região Nordeste que passa a ser reconhecida nacionalmente enquanto espaço do atraso, da miséria e do sofrimento. Com efeito, esses discursos constroem essa região enquanto um espaço homogêneo e acabam neutralizando e/ou apagando as especificidades existentes no Nordeste. Assim, vai se construindo um imaginário, naturalizando e estabilizando sentidos acerca do nordestino nascer e morrer no torrão, sofrendo, devido à seca.

No entanto, com base nos ensinamentos de Candau e Moreira^{IV}, entendemos que cultura é algo múltiplo e plural, algo diverso. Bhabha^V, por sua vez, explica que os sujeitos vivem “entre lugares”, constituem-se por uma hibridez de cultura e história. Seguindo esse pensamento, nenhuma cultura é pura, imóvel, tampouco estável, pois sempre está em processo de construção e reconstrução, não tendo um território fixo. É importante ressaltar que essas imagens/discursos estereotipados acerca da região Nordeste, que a partir da repetição vão se tornando como clichês, podem ser ressignificados e contados de outros modos a partir da (re)leitura realizada por sujeitos sociais e históricos que vivem em um tempo e estão inseridos em um dado contexto. Assim, compreendemos que de acordo com as teorias da análise do discurso de linha francesa (AD), os sentidos não estão presos, fixados nas palavras, pois, na compreensão de Pêcheux:^{VI}

[...] O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]

Nessa direção, os sentidos das palavras variam, modificam-se, deslizam de acordo com as posições que os sujeitos do discurso assumem para produzir sentidos dentro de um contexto. Pois, como assevera Pêcheux^{VII}, “uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes [...] mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra”.

Em meio a esse bojo de questões, cabe ressaltar que para além do discurso da seca, outros discursos, mostram “outras faces” do Nordeste e circulam, sobretudo nas mídias. A exemplo, temos propagandas de redes de turismo que mostram as belezas naturais da região com o objetivo de vender pacotes de viagens e atrair um público de turistas. Por meio da linguagem verbal e da linguagem não verbal, essas propagandas buscam chamar a atenção dos turistas e constroem um discurso acerca do Nordeste das

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

belezas encantadoras, da culinária diversificada, hotéis aconchegantes, confortáveis, dentre outros atrativos que tornariam a viagem inesquecível, sendo, portanto, o Nordeste mostrado/contado como o destino ideal para passar as férias.

Tudo isso nos instigou a analisarmos três discursos de rede de turismo da região Nordeste, materializados na linguagem não verbal (imagens) que circulam nos sites de turismo, mostram paisagens do litoral dessa região com o objetivo de atrair maior quantidade de pessoas e “vender o produto” (pacotes de viagem), visando o lucro. Para tanto, seguimos alguns postulados da AD francesa, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux. Buscamos, a partir da interpretação, analisar de modo qualitativo, levantar inferências acerca dos sentidos propostos no texto. Nesse ínterim, vale destacar que objetivamos entender se tais discursos fazem parte da mesma formação discursiva (FD) que retrata/constrói o Nordeste enquanto espaço da seca, da improdutividade, (re)afirmando/atualizando essas estereotípias, ou rompem com o discurso da seca, fazendo parte de outra FD.

Fundamentação teórica/metodologia

Como ressaltamos, para o desenvolvimento desse estudo tomamos como base alguns dos postulados teóricos e metodológicos da AD, buscando explicitar como o discurso turístico funciona em um contexto social específico, associado a um contexto socio-histórico, ou seja, construído a partir de “condições de produções dadas” em que os sujeitos vão assumindo posições sociais. Metodologicamente falando, buscamos analisar de modo qualitativo, pensando no que foi dito e como foi dito para entendermos os efeitos de sentido no nosso objeto de estudo, a saber, discursos turísticos que falam/constroem a região Nordeste do Brasil. Analisamos, assim, se essas sequências discursivas pertencem à FD da seca ou rompem com essas estereotípias que falam do Nordeste a partir de um viés, limitando-o enquanto o lugar improvável de vida devido ao sol inclemente, à terra gretada e à caatinga totalmente seca em decorrência da estiagem, logo, espaço da retirada, do retirante.

Ao mobilizarmos o conceito de FD, compreendemos ser governada por uma Formação ideológica, no sentido de que esta regula o que aquela pode dizer e como deve dizer em um contexto específico. Pêcheux, a partir de Althusser, nos esclarece que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito na medida em que o submete a assumir posições a partir do discurso. Assim, para Pêcheux^{VIII}

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito”, articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.

Desse modo, uma formação discursiva define aquilo que é possível ser dito pelo sujeito em seu lugar de fala, ao mesmo tempo em que, por meio da interpelação ideológica, esse sujeito se identifica com uma FD e toma posição em uma conjuntura dada. Assim, o discurso tem o seu sentido estabelecido em sua relação com a FD, considerando que os sentidos não estão presos às palavras que constituem o discurso em uma relação direta, mas sim, é a partir da FD que as palavras, as proposições, os discursos tem seus sentidos estabelecidos, pois:

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

O "sentido" de uma sequência só é materialmente concebível na medida /em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos) [...] ^{IX}

Dito de outro modo, as mesmas palavras podem ter outros sentidos em formações discursivas diversas que são constituídos no interior de outras formações ideológicas a partir de condições de produção dadas. Segundo Pêcheux,

Uma formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classes; pode fornecer elementos que se integram em novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas, que colocam em jogo novas formações ideológicas. ^X

Pêcheux assinala que toda formação discursiva é heterogênea, pois em seu interior coexistem discursos advindos de outras formações discursivas, que são acionados por meio da paráfrase, discursos outros, outras vozes, outros dizeres já ditos, seja ressignificando, refutando, concordando. Isto é, no interior de uma FD, perpassa o pré-construído, que para Pêcheux, diz respeito a um já-dito. Assim, para a constituição de uma FD, discursos outros, ditos outrora, são retomados, afirmando-os ou negando-os, não sendo, portanto, nenhum discurso inédito.

Nessa direção, compreendemos, por meio das ideias apontadas por Pêcheux, que toda formação discursiva é constituída a partir do interdiscurso relacionado a dizeres anteriores. O discurso retoma a uma memória discursiva, um já-lá, um já-dito por outros sujeitos em outro lugar, em outro momento da história, em um outro contexto social, com outras condições de produção. É importante compreendermos que falar de condições de produção é pensar no social, no histórico e no ideológico, no contexto sócio-histórico em que o discurso emerge.

O processo de “seleção” e exclusão” das vozes que estão dispersas ocorre de acordo com a formação discursiva. Com efeito, um discurso se constitui por um conjunto de formulações entre outras possíveis, pois ao dizer de um modo, apagam-se muitos outros modos e constituem-se outros sentidos. Assim nos questionamos: Quais efeitos de sentidos essas sequências discursivas a partir do turismo instituem sobre o Nordeste a partir dessas escolhas e não outras? Há um ruptura ou uma continuidade com o discurso da seca? Responder a essas indagações é o que buscaremos a seguir.

Resultados e discussões

Vejam, a seguir, a primeira sequência discursiva que analisamos. Trata-se de uma propaganda publicada no site da agência de turismo do Nordeste, “Guia de turismo e viagem do Nordeste, Salvador e Bahia com hotéis e pousadas, dicas de viagem e praias no nordeste, Salvador e Bahia”, materializado na linguagem verbal e não verbal. No entanto, voltamos nosso olhar para as imagens e as cores, discurso não verbal, que fala da região Nordeste ao mesmo tempo que a constrói.

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES



<https://www.bahia.ws/wp-content/uploads/2018/07/Pontos-Tur%C3%ADsticos-do-Nordeste.jpg>^{XI}

Esses fotogramas fazem parte do discurso de uma rede de turismo do Nordeste. Nessas sequências significativas há uma divulgação de pontos turísticos de Alagoas e da Bahia. São imagens que chamam a atenção pelas belezas naturais. Como podemos ver, há outras cores para além do amarelo do sol escaldante e do marrom da terra gretada, que remetem à ideia de seca, de improdutividade, muito utilizadas para falar o Nordeste. Logo, vemos que nessa discursividade, o Nordeste é construído enquanto uma região com belezas naturais, paisagens belas, com água cristalina, que dá a ideia de abundância, de produtividade. Nessa sequência de imagens, vemos além da cor azul presente na água do mar, o azul do céu, marcado por brancas nuvens, numa harmonia de beleza natural em meio à propaganda turística sobre a região, distanciando-se das imagens que aparecem recorrentemente no discurso da seca, a exemplo da terra rachada, da caatinga e da aridez.

A cidade de Salvador também é representada a partir de alguns de seus principais símbolos turísticos, a exemplo do Pelourinho, do Elevador Lacerda e do Farol da Barra. As fotografias buscam a construção imagética de um lugar aprazível para visitação, um convite ao passeio e ao lazer na capital baiana. Dessa maneira, com a predominância da cor azul do mar e do azul c eu em dia ensolarado, o discurso turístico   reforçado e reiterado com o efeito de sentido de descanso, tranquilidade, exuberância da natureza convidativa. O conjunto imagético do fotograma compõe um cenário paradis ico, remetendo ao sentido oposto da seca, da miséria, pobreza e escassez, reiteradas vezes repetido, como aponta Albuquerque Júnior.^{XII}

A partir dessas considera es, entendemos que esses discursos se encontram em uma dada forma o discursiva que se estabelece em contraponto   FD da seca. Ao mesmo tempo, institui o efeito de sentido de lugar próspero, belo, objetivando vender o produto, almejando o lucro, a atra o de turistas, o faturamento do setor turístico local e nacional. De fato, sendo o Nordeste dividido em nove estados, quais sejam, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Piauí, não há uma homogeneiza o climática, cultural, gastron mica etc. Assim, entendemos

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

que, para além da estiagem e do clima semiárido, temos “outras faces”, “outros Nordeste” construídos em sentidos diversos.

Grande parte da região Nordeste, por exemplo, é banhada por praias que possuem belezas naturais exuberantes, como vimos nas imagens anteriores, e atraem milhares de pessoas durante todo o ano. Ainda em Alagoas, dentre outras praias, temos a praia da Ponta Verde e a praia de Pajuçara, na capital, Maceió. Em ambas, o mar possui vários tons de azul, fundem-se com o azul do céu e forma uma paisagem deslumbrante, espetacular. Devido à tamanha beleza, milhares de turistas visitam Alagoas anualmente.

Nesse sentido, Coutinho e Barbosa^{XIII} apontam que, de acordo com Jair Galvão, Secretário Municipal de Promoção do Turismo de Maceió, a capital alagoana possui “[...] um dos cenários urbanos mais privilegiados do Nordeste, cultura popular riquíssima, tradições gastronômicas seculares que se reinventam e um povo especialista na arte de bem receber[...]”. Vemos no discurso do secretário de turismo, quando fala das peculiaridades encantadoras dessa região, uma outra imagem de Nordeste sendo construída, distanciando-se do discurso da estereotipia, e organizada em outra FD.

Dessa maneira, os discursos das redes de turismo, nesse caso do Nordeste, buscam divulgar as belezas da região pelo viés do litoral e do urbano. É um discurso que atribui valores a partir do que há de belo, visível e atraente no lugar. Mostra o Nordeste enquanto uma região turística, visando o desenvolvimento econômico/social. Esses discursos instalam novos sentidos sobre o Nordeste na medida em que destaca a sua exuberância, valorizando o local com a intenção de atrair visitantes.

Vejamos a seguir os fotogramas das respectivas praias mencionadas publicados no site viagenscinematograficas.com.br:



Praia da Pajuçara em primeiro plano e Ponta Verde ao fundo - Maceió-AL

<https://www.viagenscinematograficas.com.br/2017/10/o-que-fazer-em-maceio-praias.html>^{XIV}

Um ponto que nos chamou bastante atenção no fotograma com a imagem da praia da Ponta Verde, foram os prédios que dão a ideia de urbanização, modernização, desenvolvimento, ou seja, o Nordeste é mostrado, contado, enquanto um lugar moderno, com crescimento, que, portanto, tem estrutura para hospedar e oferecer conforto e comodidade aos visitantes que são atraídos pelas belezas naturais do lugar. Esse lugar

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

que outrora foi mostrado, e ainda é, enquanto espaço da escassez e do atraso. Assim, constatamos mais uma vez que esses discursos se distanciam e estabelecem um contraponto ao discurso estereotipado que constrói o Nordeste enquanto lugar rural, retrógrado, que não é moderno, o lugar da seca, da pobreza e da miséria.

No Nordeste, além das praias alagoanas, temos as belíssimas praias cearenses, como por exemplo, as praias da capital Fortaleza. Com suas piscinas naturais de águas cristalinas, as praias de Fortaleza encantam e atraem um público grande e diversificado durante as quatro estações do ano, sobretudo nos períodos de alta temporada.

A seguir vejamos a exuberância dessas praias:



< <https://www.viagenscinematograficas.com.br/2015/01/10-melhores-praias-do-ceara.html> >

XV

Nessa discursividade imagética, vemos os tons de azul do céu que instituem o efeito de sentido de lugar de céu aberto, ao mesmo tempo, propício à chuva, distanciando-se da ideia de região da seca, das longas datas de estiagem, quase inviável. Podemos perceber também que a cor verde aparece nessas sequências significativas como constituinte da paisagem/vegetação, gerando o efeito de sentido de que a natureza está viva, bem como inferimos que tais pistas instituem o sentido de ambiente arejado, de ar puro, distanciando-se mais uma vez do das imagens/discursos que propagam o Nordeste da terra gretada, seca e improdutiva.

Ou seja, o discurso do turismo, que visa o crescimento econômico, social e cultural, configura-se enquanto práticas discursivas que constroem a região não como um lugar de atraso, de decadência, mas como uma região que é capaz de contribuir para o processo de desenvolvimento, crescimento regional e nacional. Esse discurso reescreve a região Nordeste, sua história, suas culturas, por um outro viés. São práticas discursivas que mostram, apresentam, constroem uma outra “face”, um outro Nordeste, aquele das riquezas e belezas naturais. Institui outros sentido, trazem à baila valores que retratam um outro olhar sobre essa região, construindo-a enquanto o lugar de paisagem litorânea e urbana que dá a visibilidade de lugar do desenvolvimento, de territorialidade dinâmica, rica em cultura e história, reverberando o Nordeste do belo.

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

Lucena^{XVI} explicita que essas narrativas recuperam “outro Nordeste”, falam de outras paisagens para além da caatinga seca, sem vida, atribuem características de valores culturais. Ela assinala que a partir desses outros modos de mostrar o Nordeste mediante outros cenários, por meio do discurso, essa região passa por um processo de reterritorialização, e deixa de ser mostrada/vista apenas como a região-problema de miserabilidade, de seca. A região Nordeste passa a ser vista como integrante do país.

Assim, esses discursos para consumo turístico, materializados em imagens/fotogramas que trouxemos, mostram o Nordeste por uma outra ótica que se contrapõem aos sentidos do lugar de miséria, de fome, de retirante, construído por meio do discurso da seca, a partir de símbolos históricos, culturais, naturalizados. Aqui vemos outros sentidos sendo forjados acerca da região Nordeste, a partir de outros cenários, instituindo o efeito de sentido de lugar produtivo, desenvolvido, próspero, que, por meio do turismo, dá oportunidades de trabalho. Essas “outras faces” do Nordeste são mostradas/difundidas tanto no Brasil como no exterior, irrompendo com o Nordeste da caveira, do retirante, da caatinga seca, da degradação, dessa maneira instituindo sentidos diversos sobre o Nordeste.

Com efeito, esses discursos estão inscritos na mesma formação discursiva, coadunam com o discurso construído em torno do turismo que busca mostrar um Nordeste rico, plural e diverso. Vemos aqui a heterogeneidade discursiva acerca do discurso do turismo no Nordeste, visto serem discursos que dialogam entre si, constroem outras imagens sobre a região e retomam outros discursos para constituir-se. Essa retomada do já-dito denota que todo discurso é heterogêneo, pois sempre haverá vozes que ressoam em todo e qualquer dizer. A respeito da heterogeneidade discursiva, Indursky^{XVII} aponta que o sujeito-autor no seu processo de construção textual/discursiva, realiza mobilizações diversificadas e ao mesmo tempo faz recortes textuais/discursivos que se encontram em várias FDs, inseridas em outros contextos.

Conclusão

Ao nos debruçarmos sobre a construção discursiva acerca do Nordeste, a partir de uma heterogeneidade discursiva, em contraponto a um discurso em que essa região Nordeste é vista/contada como o lugar do atraso, do tradicional, do rural e do folclórico, cujas falas instituem o não progresso em que os sujeitos nordestinos sertanejos são representados, seja nas escolas, por meio dos dicionários ou livros didáticos, seja nos cinemas, seja nas telenovelas, como o sujeito matuto, iletrado, retrógrado, dentre outros termos pejorativos que remetem a um lugar marginalizado; vemos que a região Nordeste do Brasil é culturalmente múltipla e diversa, e que não se encontra estagnada no tempo, mas sim, acompanhou a modernização, mesmo que de modo mais lento que as regiões Sul e Sudeste, por exemplo, pois as pessoas e as culturas se modificam, cada qual em sua temporalidade específica.

O Nordeste vai se constituindo mediante uma série de imagens que vão se tornando naturalizadas, mas não as são. Constitui-se em uma sedimentação de dizeres, uma invenção humana, criado por toda uma produção historiográfica, sociológica, literária, teatral, cinematográfica etc. Ou seja, ao falarmos/pensarmos no Nordeste, geralmente, articulamos imagens e formulamos ideias que remetem a uma região que possui características imutáveis, bem como, intrínsecas exclusivamente a ela. Tudo isso, principalmente, no que diz respeito à fauna e à flora, à história, à cultura dessa região.

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

Trata-se de um conjunto de significados e sentidos que foram inventados sobre o Nordeste, que “contam”, ao mesmo tempo que constroem, por meio do discurso, modos de ser e de viver dessa região.

Portanto, faz-se necessário entendermos que os discursos são ditos a partir da interpelação ideológica, dentro de uma FD interditando dizeres e estabelecendo o que pode e deve ser dito em condições de produção dadas. Entretanto havendo um deslizamento de sentidos, pois, ao falar de um modo e não de outro, o sujeito deixa de fazer outros usos linguísticos e institui outros efeitos de sentido. Por isso, torna-se imprescindível olharmos para os discursos que circulam nas diversas esferas da atividade comunicativa, refletindo e nos questionando sobre o que foi dito e como foi dito, não os tomando como verdades absolutas e inquestionáveis.

Notas

^I Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura, da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pela UNIASSEVI. Graduada em Letras-Português, pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Versão deste texto foi apresentada em formato de comunicação durante o VIII Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Sociais e Humanidades, ocorrido entre 28 a 31 de outubro de 2019. E-mail: Crisoli1986@hotmail.com

^{II} Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura, da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL. E-mail: cristianocezar.pe@bol.com.br

^{III} ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A seca dá bons frutos. In: _____. **A seca no imaginário nordestino: de problema à solução 1877-1922**. 1988. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1988. f. 356-415.

^{IV} MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

^V HOMI, K. Bhabha. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lorenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

^{VI} PÊCHEUX, Michel. Tradução Eni P. Orlandi. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

^{VII} PÊCHEUX, Michel. Formação social, língua, discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.).

Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 147-148.

^{VIII} Idem, *ibidem*, 1990, p. 164;171.

^{IX} *Ibidem*, p. 169.

^X *Ibidem*, p. 167-168.

^{XI} **Pontos turísticos do Nordeste**. Disponível em < <https://www.bahia.ws/wp-content/uploads/2018/07/Pontos-Tur%C3%ADsticos-do-Nordeste.jpg>> acesso em 08 de Outubro de 2020.

^{XII} ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

^{XIII} COUTINHO, Marcela Pimenta Campos; BARBOSA, Jannyne Lima de Meira. **Um olhar sobre o turismo de Maceió**. Oferta x demanda. Maceió: Editora IABS /Brasília, 2016, p. 8.

^{XIV} Viagens cine disponível em < <https://www.viagenscinematograficas.com.br/2017/10/o-que-fazer-em-maceio-praias.html>> acesso em 08 de Outubro de 2020.

^{XV} Viagens cine, 2017. Disponível em:< <https://www.viagenscinematograficas.com.br/2015/01/10-melhores-praias-do-ceara.html>> acesso em 08 de outubro de 2020.

^{XVI} LUCENA, Ivone Tavares de. Entre o discurso, a história e a cultura: a irrupção de um outro Nordeste. In: LIMA, Conceição Dias de; SILVA, Cristiano Cezar Gomes da; FERRO, Jenaice Israel. **Cultura e multiterritorialidade: entre práticas e representações simbólicas**. Arapiraca-AL: EDuneal, [2020?]. No prelo.

CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE

TURÍSTICO

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

^{xvii} INDURSKY, Freda. A heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: LUCENA, Ivone Tavares de; OLIVEIRA, Maria Ângela de; LUCENA, Josete Marinho de. **Entre a sociedade, o sujeito e a cultura palavras multicolores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 21-38.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A seca dá bons frutos. In: _____. **A seca no imaginário nordestino: de problema à solução 1877-1922**. Campinas: 1988. p. 356-415.

COUTINHO, Marcela Pimenta Campos; BARBOSA, Jannyne Lima de Meira. **Um olhar sobre o turismo de Maceió**. Oferta x demanda. Maceió: Editora IABS /Brasília, 2016.

HOMI, K. Bhabha. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lorenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

INDURSKY, Freda. A heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: LUCENA, Ivone Tavares de; OLIVEIRA, Maria Ângela de; LUCENA, Josete Marinho de. **Entre a sociedade, o sujeito e a cultura palavras multicolores**- João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 21-38.

LUCENA, Ivone Tavares de. Entre o discurso, a história e a cultura: a irrupção de um outro Nordeste. In: LIMA, Conceição Dias de; SILVA, Cristiano Cezar Gomes da; FERRO, Jenaice Israel. **Cultura e multiterritorialidade: entre práticas e representações simbólicas**. Arapiraca-AL: EDuneal, [2020?]. No prelo

MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Formação social, língua, discurso**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. p.164.171.

PÊCHEUX, Michel. Tradução Eni P. Orlandi. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Eni P. Orlandi et.al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

Viagens cine, 2017. Disponível em: <<https://www.viagenscinematograficas.com.br/2017/10/o-que-fazer-em-maceio-praias.html>> Acesso em: 7 de outubro de 2020

<https://www.bahia.ws/wp-content/uploads/2018/07/Pontos-Tur%C3%ADsticos-do-Nordeste.jpg>

**CULTURA, HISTÓRIA E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NORDESTE
TURÍSTICO**

CRISTIANA OLIVEIRA E CRISTIANO GOMES

Viagens cine, 2017. Disponível em
<<https://www.viagenscinematograficas.com.br/2015/01/10-melhores-praias-do-ceara.html>> Acesso em: 8 de outubro de 2020.